

Econ. Brasil Panacéia neoliberal

17 MAR 1990

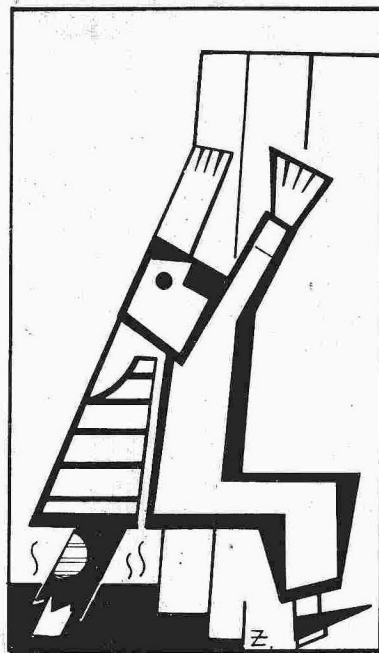
Luiz Pinguelli Rosa

JORNAL DE BRASÍLIA

Após a eleição, o neoliberalismo, que a mídia vende à população, tornou-se uma panacéia encarnada pelo presidente eleito, que foi aos quatro cantos do mundo.

A chance é conseguir pular para o estribo do bonde dos países ricos, na traseira como pingente, agarrado ao balaústre. Mas o preço que está pagando para atrair o capital estrangeiro é a abertura total da economia brasileira para a consolidação de um modelo capitalista concentrador, que no Brasil exclui a maioria da população dos benefícios do desenvolvimento.

É um projeto para a componente Bêlgica do modelo simples do Brasil = Bélgica + Índia. Promete carros mais sofisticados com microprocessadores para uns, enquanto falta transporte para outros; boa alimentação e whisky importado para uns, deixando uma cesta básica minguada e cachaça para outros, quando não a fome crônica. O máximo possível é ampliar um pouco a parte Bêlgica, na qual pode-se incluir o proletariado das indústrias de ponta. Esse projeto aposta em aproveitar, enquanto dure, o ciclo de expansão da economia mundial, que se seguiu à última crise e que agora é alentado pelo mercado potencial do Leste Europeu, com o qual o Brasil competirá por investimentos. A dificuldade é estabilizar politicamente o modelo excludente. Por outro lado, desde a consolidação da ordem capitalista mundial, nenhum país grande não desenvolvido superou esta barreira. O Japão já era indus-



trial. Ao contrário, o "gap" entre o Norte rico e o Sul pobre se agrava a cada ano. O controle da tecnologia pelos países ricos piora o "gap", apesar de a produção industrial menos sofisticada ter sido transferida parcialmente para países como o Brasil, inclusive com o ônibus dos problemas ambientais.

Este modelo no Brasil não se revelou historicamente capaz de levar a um desenvolvimento socialmente justo e auto-sustentável, nem de resolver os grandes problemas criados: da dívida externa, da concentração de renda, da mulher, do negro, dos índios, da ecologia, da Amazônia. Para manter o desenvolvimento excludente em benefício de grupos econômicos e de pequena parcela da popu-

lação, se tem lançado mão dos golpes e ditaduras militares sempre que necessário.

O neoliberalismo agora, apregoadado também nada tem a ver com a democracia, sendo perfeitamente compatível com a ditadura: vide o caso do Chile de Pinochet. Nem é uma garantia de desenvolvimento em países como o Brasil, como evidência a Argentina com a política de Menem.

O liberalismo econômico renovado pela propaganda com o prefixo "neo" é tão velho quanto o capitalismo. Querem com ele retirar do País toda e qualquer possibilidade de decisão autônoma quanto ao seu destino político, econômico e social, desmontando as empresas estatais como a Petrobrás e a Eletrobrás para imobilizar o Estado, atrelando-o aos interesses dos grandes grupos econômicos transnacionais.

O liberalismo que querem aplicar no Brasil não o põe em igualdade de competição com as potências que o pregam, pois elas controlam com mão de ferro a tecnologia e estão se fechando em três blocos econômicos: a América do Norte, a Comunidade Européia e o Japão com os novos países industrializados asiáticos. O Brasil não teve lugar nestes blocos econômicos fechados e nem terá acesso à tecnologia mais atual, cujo controle é o cerne da estratégia dos países ricos hoje.

□ **Luis Pinguelli Rosa** é físico nuclear e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)